

## MIGRANTES NA PERIFERIA URBANA DO INTERIOR DE SÃO PAULO: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADE\*

Virgínia Ferreira da Silva\*\*

**Resumo:** Este artigo analisa a construção e manutenção da identidade paranaense dentro do processo migratório, considerando o contexto e o conjunto de relações sociais com os quais os migrantes se deparam no bairro Cidade Aracy, sito na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Há no bairro uma série de representações que favorecem o paranaense em contraposição ao migrante nordestino, o que redundava em melhores posições para os primeiros, inclusive quanto à inserção no mercado de trabalho. Os paranaenses apresentam uma trajetória ligada a outros estados do Brasil, como Bahia, Minas e São Paulo, mas acredita-se que a existência de tais representações contribua para que prevaleça a identidade paranaense.

**Palavras-chave:** Migrantes. Identidade. Representações sociais.

Ao analisar a construção da identidade de migrantes no Brasil contemporâneo, teve-se como *locus* de estudo o bairro Cidade Aracy, sito na periferia urbana de São Carlos, interior de São Paulo; bairro este que tem como principal característica ser constituído por migrantes. A presença de diferentes trajetórias intercaladas tornou difícil, a princípio, a definição de pertencimentos:

Isabel – Aqui tem muito pernambucano, muito baiano, muito paulista, tem de tudo...

Antônio – Muito paranaense baiano... (riso)

- Paranaense baiano!

Seu João – Paranaense baiano tem ele né! Paranaense da Bahia!

Defrontei-me com uma geração de migrantes nascida em meio a um processo migratório já estabelecido e, algumas vezes, tornou-se duvidoso defini-los ou considerá-los previamente como ‘paranaenses’ ou como ‘baianos’. Encontrei no bairro uma enorme quantidade de paranaenses, de pessoas que se dizem paranaenses. Por outro lado, não demorei muito para perceber que “ser paranaense” escondia uma série de trajetórias distintas e assinalava a aparência de múltiplos pertencimentos. Muitos dos ‘paranaenses’ eram nascidos e tinham família na Bahia, em Minas Gerais ou em São Paulo. Ao mesmo tempo em que falavam do contato mantido com o Paraná, falavam de sua ligação com a Bahia ou com qualquer outro lugar que compusesse sua trajetória.

---

\* Texto completo da comunicação apresentada no 32º Encontro Nacional, 2005.

\*\* Doutoranda em Antropologia pela UFRJ - virginiafes@hotmail.com

Este trabalho procura analisar como se constrói e se mantém essa identidade de 'paranaense' dentro do processo migratório. Não se dará conta de todo o processo envolvido na construção dessa identidade, mas de como ela é possível num dado contexto, segundo aquilo que nele está em jogo. Ou seja, não será possível abranger todo o processo migratório dessas famílias, mesmo porque se acredita que ele, assim como não se iniciou no dado momento que esta pesquisa põe em foco, também não se encerrará nesse momento, e assim continuará a produzir múltiplos significados. Analisar-se-á o que está em jogo na construção e manutenção da identidade paranaense num momento específico de um processo migratório maior. Em outras palavras, o que se fará será analisar de que forma essa identidade é negociada no bairro por esses migrantes, o que está em jogo na efetivação desse pertencimento e o que ele significa.

Pensar a migração no Brasil inclui considerar que muitas vezes as pessoas não foram direto de um lugar para outro, mas que passaram por mais de um lugar, percorrendo caminhos que muitas vezes não são percebidos, incluídos ou analisados nas pesquisas quantitativas. Por exemplo, o Censo (2000) diz que das pessoas que residem em São Carlos e que vieram de outros Estados, dentro dos últimos cinco anos, 24,4% vieram do Paraná, 16,5% da Bahia e 10,3% de Minas Gerais.

Esse mesmo Censo (2000) diz que, dos 192.998 habitantes de São Carlos, 31.873 não são naturais do Estado de São Paulo e que desses, 31% provêm do Paraná, 19,8%, de Minas e 15,4%, da Bahia. Esses dados fazem sentido quando comparados com os citados por Silva (1999) sobre a região de Ribeirão Preto, os quais dizem que a maioria dos trabalhadores que migra para o trabalho nas usinas é de Minas Gerais e do Sul da Bahia (SILVA, 1999, p. 15). Muitos desses estão em bairros como o da Cidade Aracy.

E quanto à enorme quantidade dos que vieram do Paraná? Esse dado sobre os paranaenses causou estranheza desde o princípio, já que a proeminência de migrantes nordestinos na região sudeste foi também tratada por diversos estudos sobre o tema, estudos esses motivados pela própria história das correntes migratórias geradas no Brasil:

(...) a partir dos anos 50, para não fugir à lógica capitalista internacional, [o Brasil] experimentou um processo de crescimento acelerado. Esse crescimento não atendeu as regiões brasileiras como um todo. Ao contrário, aprofundaram-se os desequilíbrios regionais devido à concentração regional de investimentos. (BORGES, 1997, p. 34).

Dessa forma, contingentes populacionais nordestinos migraram para as grandes capitais do sudeste do Brasil. Segundo apontam Garcia e Heredia (1997): “os dados censitários mostram que 64% desse crescimento, entre 1940 e 1950, e 58%, entre 1960 e 1970, provêm de contingentes populacionais nordestinos.”<sup>69</sup> (GARCIA; HEREDIA, 1997, p. 75). Isso gerou uma

---

<sup>69</sup> Fonte: IBGE, Indicadores Sociais, 1979. Tabela 9, p. 48.

produção científica variada que enfoca a saída de populações nordestinas para estados da região sudeste do Brasil.

Quanto à enorme quantidade de paranaenses encontrada no bairro, o que a experiência de campo sugere é que muitos deles são os que outrora saíram da Bahia e de outros estados, como Minas Gerais, e foram para o Paraná. Hoje, os filhos desses migrantes nordestinos e mineiros são os ‘paranaenses’, quando não os próprios pais, que, ao longo de sua trajetória, abandonaram uma identidade de ‘baianos’ ou ‘mineiros’ para se tornarem ‘paranaenses’.

Assim, o Brasil se constitui por levadas migratórias e nele é gerada uma série de trajetórias que se misturam, não se encerrando num percurso único, retilíneo e findo. Foram encontrados, no bairro, paranaenses da Bahia, paranaenses de Minas, paranaenses de São Paulo, assim como paranaenses que vieram do Mato Grosso.

Procura-se não essencializar a identidade desses migrantes, mas pensar nela como uma construção simbólica, importando mais analisar como ela é construída, produzida e negociada segundo interesses. Deixar de ser “baiano” e ser “paranaense” significam algo, pois o fenômeno se relaciona a um processo de construção da identidade que coloca em jogo uma série de significados.

Não se procura aqui definir o lugar de origem da pessoa, de fato, mas entender como ela atua e assimila em sua vida e relações sociais algumas mudanças e manutenções inerentes à migração. A própria dinâmica da vida social permite que a identidade seja renegociada.

Assim, sempre tendo em vista a existência de um campo de luta simbólica específico no qual os atores estão inseridos (ocupando, cada um deles, uma posição diferenciada, segundo uma hierarquia gerada no próprio campo), procurar-se-á compreender um pouco desse campo, das coisas materiais e simbólicas que nele estão em jogo (BOURDIEU, 1998, p. 54-55).

O processo de mudança (baiano→paranaense) não ocorre individualmente. É um processo socialmente motivado: o grupo continua existindo, embora não mais como “baianos”, mas como “paranaenses”. Como salienta Arruda (2000), ao pensar sobre a história de vida de um migrante açoriano, em terras brasileiras, considera-se, da mesma forma, que a vida numa nova cidade traz consigo a necessidade de refazer identidades, especialmente porque os indivíduos não apenas se deslocam no espaço, mas têm de conviver em outro espaço sociocultural e de relações pessoais.

Trata-se de um processo que, sem dúvida, engloba mudanças e manutenções. Ao mesmo tempo em que existe a tentativa de manter a identidade da região de origem, o deslocamento de populações implica também a reinvenção de identidades a cada geração, tal como percebeu também Lucena (1999) ao analisar um grupo de migrantes mineiros na periferia de São Paulo.

Eles precisam se colocar no novo lugar, num processo de inserção que os faça superar o estranhamento diante de um novo conjunto de relações sociais que se coloca para eles.

É na mudança que as identidades são reinventadas e reconstruídas segundo as situações específicas com as quais se deparam em cada contexto, embora não deixe de ser referência para esses migrantes a sua comunidade originária. Os migrantes, com os quais se conversou em primeiro lugar, dizem-se paranaenses. Esse pertencimento aparece evidente não só ao se autodefinirem como tal, mas também quando falam da saudade que sentem do Paraná, dos anos em que lá viveram, quando relembram das festas, da relação que tinham com os vizinhos.

Por outro lado, a partir de um contato mais próximo com a pesquisadora, emergem também na fala deles indícios sobre a ligação que mantêm com a Bahia ou qualquer outro lugar que componha sua trajetória. Acredita-se que existe a busca pela legitimação de uma identidade paranaense por tudo que essa identidade significa no contexto em que atualmente vivem em São Carlos.

Acredita-se que ‘ser paranaense’ é uma atribuição de sentido carregado de significados ligados ao status, o qual, por sua vez, se liga ao contexto vivido por eles no bairro. Por meio de tudo que legitima uma identidade paranaense para esses migrantes, perpassa o significado do que ser paranaense adquire no contexto social em que se inserem, o que contribui (apesar de não determinar) para que eles se considerem paranaenses e não baianos ou mineiros. Acredita-se que esses migrantes estejam lutando por uma posição diferenciada no bairro ao se colocarem como paranaenses. Isso é dizer que se inserir no bairro Cidade Aracy e na cidade de São Carlos como paranaense gera um modo de inserção diferenciado que contribui para a posição deles no novo lugar.

Notou-se logo no início a heterogeneidade da população estudada não apenas quanto à procedência, mas também quanto à inserção no mercado de trabalho, tal como notou Durham (1986) ao analisar a periferia de outras cidades do interior paulista e também da capital. Foram encontrados safristas, operários, os que trabalham por conta, os afastados, aposentados, as domésticas, as donas-de-casa, agentes de saúde, donos de comércio, os que trabalham na roça, na grande empresa, os que fazem “bico” de pedreiro etc.

O bairro, em sua estrutura, também apresenta heterogeneidades: ruas asfaltadas e ruas de terra, casas bem acabadas e barracos de madeira, várias casas construídas no mesmo “quintal”, avenidas e ruas que são apenas um caminho no meio do mato. Predominam as ruas asfaltadas e com iluminação. De forma geral, o bairro dispõe da maioria dos serviços públicos essenciais, como escolas, posto médico, transporte, creches, centros comunitários.

As diferenças encontradas no bairro guiaram a curiosidade deste trabalho, embora tenha sido fundamental encontrar pontos que unificassem esse vasto universo num único universo de

análise. Um dos pontos de aproximação entre os moradores do bairro: são migrantes convivendo num bairro altamente estigmatizado em toda São Carlos.

A esse respeito, os moradores, independentemente de sua procedência, ocupação, posição e relação com o bairro, identificam a mesma coisa: reconhecem o preconceito que sofrem por serem moradores do Aracy. O estigma relatado pelos moradores está geralmente associado a dois quesitos: representações da violência e da dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

É com isso que eles precisam conviver e negociar de alguma forma em suas relações dentro e fora do bairro. Os que lá residem sabem que a Cidade Aracy é representada como bairro muito violento pelos demais moradores de São Carlos e reconhecem que deixam de conseguir empregos que estavam praticamente certos quando se declaram moradores do Aracy.

Jardim (2003) - que desenvolvia, nos meses desta pesquisa, um trabalho de inclusão social no bairro por meio do resgate da dignidade e auto-estima dos moradores do Aracy<sup>70</sup> - toma como premissa a pesquisa do NPD/DCSo da UFSCar (1994) sobre exclusão social em São Carlos. Essa pesquisa diz que o fato de os moradores desse bairro não se inserirem no mercado de trabalho não está associado a questões de baixa escolaridade, mas relacionado ao estigma da pobreza<sup>71</sup>.

Poder-se-ia pensar que a estigmatização do bairro, relatada tanto por pesquisas como pelos moradores, reflete uma dominação especialmente econômica, tal como sugere Zaluar (1985) ao se referir à separação “embutida nos rituais de dominação de classe que incluem um rigoroso afastamento do local de moradia dos pobres”<sup>72</sup> (p. 12). Mas o afastamento e estigmatização do Aracy não refletem apenas a dominação de classe, mas incluem outras formas de poder, não só o econômico.

O bairro também é estigmatizado por moradores de outros bairros periféricos, inclusive menos estruturados que o Aracy - aqui se refere à estrutura de um bairro como asfalto, iluminação, rede de esgoto etc. Os que residem na Cidade Aracy relatam preconceito em relação a eles, vindo não apenas dos patrões, que não os querem empregar, mas vindo também de seus colegas de trabalho, moradores de outros bairros.

---

<sup>70</sup> Esse projeto (“Inclusão Social é Trabalho Coletivo: resgate da dignidade e da auto-estima de moradores de um bairro popular da cidade de São Carlos – SP”) ganhou, no ano de 2003, financiamento do III prêmio da Mostra PUC- Rio.

<sup>71</sup> Os moradores do Aracy reconhecem que deixam de conseguir empregos pelo estigma da pobreza que o bairro leva consigo, porém não se sabe se isso aparece em seus discursos por sentirem isso na pele ou pelo contato com a imprensa, com esses grupos de pesquisa que atuam no bairro ou se por uma junção das duas coisas. De todo modo, a discussão que se faz não deixa de fazer sentido.

<sup>72</sup> O bairro Aracy, além de estigmatizado, apresenta mais essa característica de estar muito afastado do resto da cidade, parecendo esta acabar quando se avista, lá longe e embaixo, o Aracy. O que os une é a conhecida “serrinha”, que divide o bairro do “lá para cima”, como dizem os moradores.

A questão da procura por trabalho é sempre apontada como causa fundamental quando inquiridos sobre os motivos que os levaram a migrar<sup>73</sup>. Esse seria um outro ponto importante de aproximação entre eles. O intuito de trabalhar sempre aparece como um dos fatores que motivam as mudanças, independente do percurso que tenham feito.

Com relação à busca por um emprego, acredita-se que exista uma diferenciação feita por eles entre os ‘serviços’ que podem conseguir, ou seja, existe uma hierarquia das ocupações, pelo que se pôde notar em seus discursos. Primeiramente notaram-se a busca e a valorização do emprego que não seja temporário:

Teresa: Prefiro em casa [trabalhar em casa de família] porque assim, na roça é muito divertido, é muito bom porque a gente arruma muita amizade entendeu? Mas é temporário, por exemplo, tem a época, só seis meses né. Quem trabalhou apanhando laranja, agora tá desempregado. Então, quer dizer, passa seis meses trabalhando, seis meses não né?

Catarina: É muito pouco também o ganho né?

Teresa: É, porque quanto tá catando laranja o máximo que eles paga pela caixa de laranja é vinte e dois centavos, quer dizer, eu sou devagar, eu faço quarenta, quarenta e cinco caixa por dia, ganha no mínimo né. Em casa de família eu trabalhando eu ganhava [quatrocentos?] reais (...) Aqui você arruma um dia de diarista, só quando o serviço tá muito ruim, arruma em roça.

Mesmo aqueles que trabalham ou trabalharam na roça, em São Carlos, tendem a colocar essa opção em segundo plano. Assim, é só quando “está ruim de serviço” que eles vão para a roça. Na hierarquia das ocupações que se percebe entre os migrantes do Aracy, existe a preferência pelo trabalho nas grandes empresas (como Volkswagen, Tecumseh, entre outras), seguida pela preferência por “firmas” ou empresas menores<sup>74</sup>.

Para os homens, o “bico” – como o de pedreiro – também não é tão almejado, pelo fato de ser temporário. Uma vez em São Paulo, passam também a valorizar o registro em carteira de trabalho, o que não acontece no trabalho temporário ou no ‘bico’.

No caso das mulheres, estaria em último lugar a preferência pelo trabalho na roça (temporário e permanente), depois o trabalho como diarista (temporário), como empregada (permanente), o trabalho em firmas – terceirizadas - de limpeza, depois viria o trabalho ligado a outras instituições ou órgãos municipais, que exige alguma qualificação mais específica.

---

<sup>73</sup> Embora a decisão de mudar implique outras questões, a busca por melhores oportunidades de trabalho não deve ser desconsiderada à medida que os próprios agentes atribuem importância a isso.

<sup>74</sup> São Carlos é conhecida pelo parque industrial que possui: Volkswagen, Tecumseh, Faber-Castell e Eletrolux. Certamente a instalação de indústrias no interior e a conseqüente expansão da oferta de empregos fizeram com que houvesse um grande movimento de população para tais cidades. Não apenas o trabalho na grande indústria deve ser visto como envolvido no fluxo migratório para as cidades médias interioranas. São Carlos é uma cidade que proporciona, além da possibilidade de emprego na indústria, a possibilidade de emprego no setor agrícola, por meio do emprego nas usinas e do trabalho nas plantações de cana, assim como também são expressivas as plantações de laranja e também do algodão, entre outras.

Outro motivo que faz com que o trabalho rural carregue um status negativo é por estar ligado a um passado familiar que ao mesmo tempo em que carregam consigo, dele procuram se desvencilhar. Mesmo que muitos tenham vindo de São Paulo ou de outros centros urbanos, todos tiveram contato com a roça, mesmo que apenas em sua infância e/ou adolescência, e hoje procuram se afastar desse tipo de ocupação, muito embora elas tenham de ser muitas vezes realizadas.

É como se trabalhar na roça fizesse parte de um passado, geralmente ligado à pobreza e à escassez, diferente daquilo que vieram buscar e que dizem ter encontrado em São Paulo, a fartura, o emprego mais estável, o registro em carteira, salário mais alto, tudo o que é valorizado por eles. É como se existisse uma continuidade que os leva do mundo rural e do trabalho no campo para a cidade e o trabalho típico urbano. Como diz a paranaense:

Clarice: Porque as pessoas que moram no sítio, eles acham que a cidade é melhor (...)  
Aí resolveram vim embora pra cá... Aí porque, foi logo que aqui em São Carlos  
tava abrindo a Sicom, várias firmas novas, né... Aí...

\* Eles ficaram sabendo...

Clarice: É, aí, foi aí que vieram várias pessoas que a gente conhece de lá pra cá.  
(...) Aí, meu cunhado veio pra entrar nessa firma que ele tá até hoje.

Mesmo os que estão ainda ligados ao trabalho na roça, não o valorizam, como dizem as paraibanas:

\* Ah tá, então vocês não trabalhavam em roça.

Catarina - Nossos pais trabalhavam em roça.

\* Ah tá, os pais de vocês. Vocês já não sabem muito.

Lúcia - Nós viemos trabalhar na roça aqui. No Ibaté, cortando cana. Aqui, apanhando laranja, (inaudível) algodão, cortei cana, carpi, ah... Deus o livre, pelo amor de Deus!

\* Mas, apanhar laranja fiquei sabendo que não é tão ruim assim...

Lúcia - Ah, é horrível... O peso que você carrega.

\* Ah, o peso é difícil.

Catarina - Eu gostei.

Alcir - Eu também gostei, agora eu não gostei da dor que dá nas costa.  
(risos).

Na hierarquia das ocupações, aqueles que não trabalham nas empresas estão nelas entregando seu curriculum, ansiosos por uma vaga, e aqueles que conseguiram se fixar em alguma empresa contam isso sempre com orgulho.

Diante dessa valorização de algumas ocupações que se entendeu como um padrão dentro do próprio bairro, constata-se que os migrantes analisados ocupam posições diferenciadas. Continuando, então, a investigação, é preciso destacar a pesquisa realizada pela Pastoral dos Migrantes no município de Pintadas (BA), que revela que quase 90% dos que migraram no ano de 1995 tiveram como destino o interior do Estado de São Paulo (SILVA, 1999, p. 319), são trabalhadores rurais que vão para as cidades em busca de emprego:

(...) Em 1993, esta região possuía 29 usinas de açúcar e 17 destilarias, com uma produção de 3,5 bilhões de litros de álcool e 42 milhões de sacas de açúcar. Estas usinas movimentaram US\$ 2,4 bilhões e empregaram 70 mil trabalhadores, dos quais 30 mil eram provenientes de outros estados, especialmente do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais) e sul da Bahia (FOLHA, 1993, p. 10 apud SILVA, 1999, p. 15).

Há no Aracy migrantes que tiveram contato com o trabalho sazonal antes de se mudarem “definitivamente” para São Carlos. Deve-se dizer que, pela experiência de campo, notou-se que estes se constituem principalmente por nordestinos. Também nota-se que estes, os nordestinos, constituem a maioria dos que viveram muitos anos na capital paulista antes de se mudarem para São Carlos. Isso está de acordo com as pesquisas que apontam para a grande quantidade de nordestinos que migrou para as capitais do sudeste do Brasil, conforme foi mencionado no início. Também está de acordo com pesquisas como a de Silva (1999), citada logo acima, que aponta a grande quantidade de nordestinos que trabalha nas usinas da região de Ribeirão Preto.

Nem todos os nordestinos com os quais se conversou viveram muitos anos na capital paulista, mas todos já tiveram contato com o trabalho sazonal e hoje ainda, em muitos casos, trabalham na roça, na safra, como empregados das usinas. Quanto aos mineiros referidos por Silva (1999), especialmente do Vale do Jequitinhonha, julga-se não haver dados e observações suficientes para opinar.

Retomando a discussão inicial: onde está a maioria de paranaenses migrantes apontada pelas pesquisas quantitativas citadas no início (Censo - 2000)? Aqui já há indícios de que, se eles não se encontram na mesma proporção como trabalhadores rurais contratados pelas usinas, estão eles empregados nas demais grandes e médias indústrias de São Carlos, não se empregando tanto quanto os nordestinos na agricultura (embora certamente existam paranaenses ali).

Como não se desenvolveu uma pesquisa estatística que trouxesse números significativos, há, por outro lado, dados qualitativos que apontam para diferenças entre nordestinos e paranaenses no que se refere ao que há de mais essencial para a vida desses migrantes que convivem no Aracy; tais diferenças são articuladas e negociadas entre eles, engendrando identidades e pertencimentos específicos.

Para mostrar como essa questão é significativa dev-se retomar alguns pontos. Apesar de se perceberem estigmatizados na busca por empregos, ela é uma das principais justificativas para as mudanças pelas quais passaram, inclusive para a mudança para São Carlos. Dizem que se mudaram em virtude da “fama” do lugar, geralmente associada a estar “bom de serviço”.

A mudança para o bairro Aracy traz consigo uma percepção parecida sobre algumas coisas: são todos tidos como moradores do Aracy e tudo o que isso significa e, a partir disso,

precisam gerar as respostas possíveis. Inseridos num mesmo contexto, tais migrantes têm também um mesmo padrão de avaliação das ocupações.

Assim, uma vez convivendo no mesmo lugar e se constituindo esse lugar num espaço relativamente novo para eles, acredita-se que querem se diferenciar um dos outros na busca por melhores posições - mesmo porque, como moradores do Aracy, partem de uma posição ruim e, desde o princípio, estigmatizada.

Esses migrantes, ao chegarem ao Aracy, além de encontrarem um bairro estigmatizado, sobretudo para a inserção no mercado de trabalho, encontram também uma série de representações a respeito do próprio paranaense e do nordestino na fala de são-carlenses moradores do bairro, assim como na de outros migrantes. No bairro os paranaenses são representados de forma diferente de como são representados os nordestinos, inclusive no que diz respeito à questão do trabalho, aspecto que se vem analisando.

Gostar-se-ia, então, de pensar no discurso dos próprios são-carlenses moradores do bairro. Incluir-se-á aqui a conversa com Seu Mário, dono de uma padaria, conhecido por todos, pois sua padaria constitui uma referência no bairro. Ele também goza de grande prestígio. Apesar de não ser um dos primeiros moradores do bairro, ali está há muitos anos, e se considera como um dos que mais ajudaram no processo de construção do Aracy.

Sua posição no bairro dá segurança de que sua fala será significativa. Deduz-se e se percebe que ele não está sozinho em sua maneira de pensar. Além disso, o que ele diz se relaciona com as evidências colocadas até aqui, como irá se relacionar com outros discursos a serem analisados posteriormente. Disse o seguinte:

\* É que veio bastante gente trabalhar lá também, não é?

Seu Mário – Veio, veio. Muita gente que chegou e já arrumou serviço, porque ela [grande indústria] dava preferência para os paranaenses.

\* É?

Seu Mário – Dava, claro.

\* Por quê?

Seu Mário – Porque é o seguinte, é um pessoal que vinha para cá, muito humilde, sabe, trabalhador, acostumado a levantar de madrugada.

\* Preferia o paranaense à qual?

Seu Mário – Ao próprio são-carlense.

\* Ao próprio são-carlense?

Seu Mário – Claro...

\* Ah tá, eu tô pensando nos outros [migrantes].

Seu Mário – Não, veja bem, eles davam até preferência mais para o paranaense mais do que para o nordestino.

\* Por que você acha?

Seu Mário – Não sei, eu acredito no seguinte, eu acho que também existe uma influência...

\* Preconceito?

Seu Mário – Não, talvez não. Existe principalmente uma influência no termo de preparação... O nordestino ele é menos alfabetizado que o paranaense.

\* O paranaense já tem mais instrução?

Seu Mário – Exatamente, então vamos dizer que seja isso, tá? Então o paranaense, apesar de ser um pessoal pobre e humilde que vinha, com grandes necessidades, mas ele tinha alguma instrução. Porque eles estudavam, iam longe, quilômetros de a pé, de bicicleta, cavalo, charrete, mas eles iam estudar, entendeu? E já o nordestino ele já não tem assim uma... Ele é menos instruído, bem menos. Se você colocar... Eu não tô discriminando e muito menos as empresas. Se você colocar dez paranaenses e dez nordestinos, eles vão pegar mais paranaenses, porque o paranaense, ele, além dele estar mais instruído, ele é um pouco mais trabalhador que o povo nordestino.

\* Trabalhador?

Seu Mário – É, é claro. O nordestino ele é trabalhador, ele é acostumado com o serviço duro, pensado, mas eles são um pouco... Um pouco... Porque lá eles não têm, o campo deles é muito pequeno...

\* Não têm uma disciplina?

Seu Mário – Não tem uma disciplina e o campo deles é muito pequeno, norte, nordeste, muita seca, eles plantam, não nasce, eles largam pra lá, não plantam mais e ficam vivendo de não sei o quê. No Paraná, não, no Paraná tudo que planta, dá, entendeu, sempre teve muito trabalho, na época do café, né, Paraná plantou muito café, tinham muito trabalho, depois entrou o milho, a soja, e outros grãos, então sempre teve muito trabalho. E ganhava pouco no Paraná, se ganha até hoje, quem ganha muito dentro do Paraná são os donos de fazenda, mas quem não tem nada ganha muito pouco, o trabalhador braçal ganha pouco. Mas ele tem um pouco mais de instrução que o pessoal do nordeste. E, além disso, o seguinte, eles sempre acostumaram a levantar muito cedo, a trabalhar o dia inteiro, até tarde. E o nordestino não...

\* Acorda tarde, o nordestino?

Seu Mário – Não, não é, é que ele não tem a opção de trabalho, não é que eles são vagabundo, não, não é, é que eles não têm a opção de...

\* É que se você não cria uma disciplina de horário e de trabalho ao longo da sua vida...

Seu Mário – É verdade. Então é totalmente oposto, sabe, a maneira de viver do norte, nordeste, do pessoal do sul, totalmente oposto. Porque eu conheço, tanto o norte, nordeste, como o sul. Conheço, rodei o Paraná inteiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, quando eu tiro algumas férias, eu vou (...).

Pelo que se notou, os são-carlenses, diferentemente dos migrantes de outras regiões, falam mais claramente que os paranaenses têm vantagem por serem “paranaenses”. São mais associados aos que têm disciplina para o trabalho, pois, acostumados a acordar cedo e a trabalhar, são também os que estudaram mais, enfim, vistos como tendo, em São Carlos, maiores chances que o nordestino.

Encontraram-se indícios de que muitos pensam dessa maneira. Foram encontradas outras opiniões similares, que ajudam a compor a imagem que se tem do paranaense no Aracy, bem como na cidade de São Carlos. Conversou-se, inclusive, com pessoas que, apesar de não morarem no bairro, lá trabalham.

Assim foi se constituindo o fato de que “ser paranaense” em São Carlos, na Cidade Aracy, adquire uma série de sentidos com conotação positiva, principalmente se relacionado ao que é ser nordestino. Especialmente no quesito da inserção no mercado de trabalho, quesito importante porque, além de ser uma justificativa para a mudança dos migrantes e de se constituir

num desejo para todos, constitui-se num obstáculo, à medida que, como moradores do Aracy, reconhecem dificuldades de inserção pelo estigma da pobreza.

Justamente nesse importante ponto, paranaenses são representados como diferentes dos nordestinos e isso, ao que parece, redundando de fato numa inserção maior dos paranaenses no mercado de trabalho gerado pelas grandes indústrias da cidade. Lembrando que se trata de trabalho almejado por todos, já que o trabalho na agricultura tende a ser desvalorizado, conforme se viu.

Existe uma associação positiva ligada ao paranaense em contraposição especialmente ao nordestino, embora isso não gere segregação clara entre eles no bairro. Paranaenses, nordestinos e outros migrantes relacionam-se no dia-a-dia como vizinhos, companheiros de trabalho, conhecidos, mas as diferenças existem. As opiniões dos demais migrantes tendem a ser como a de Seu João, mineiro, que disse o seguinte quando se estava falando sobre violência e migração:

Seu João – Mas eu acho que ajudou no preconceito, em parte, mesmo os imigrantes... Tem pessoas, eu não, eu não sou contra, mas tem pessoas, “ah, eu não gosto de nordestino, eu não gosto de baiano, eu não gosto de pernambucano, eu não gosto de paraibano”, tem gente que não gosta de mineiro!

\* E você é mineiro, né?

Seu João – Eu sou mineiro. Tem pessoas que falam isso. Agora, tem pessoas que falam, “não, entre mineiro, paranaense e o nordestino, eu fico com o paranaense e o mineiro, são pessoas mais humildes, mais educadas”; mas eu não concordo com isso. Eu conheço muito nordestino, paraibano, cearense, pernambucano, pessoas boas, muito decentes.

As pessoas geralmente mencionam as associações, as diferenças nas visões sobre nordestinos e paranaenses, mas nem sempre essas são assumidas explicitamente. Mesmo porque se percebeu que algumas vezes os entrevistados não querem parecer “preconceituosos”. Parece que o discurso da diferença tende a ser amenizado muitas vezes.

As representações geralmente aparecem não quando se pergunta diretamente sobre elas. Elas surgem de forma natural incluída nos relatos mais corriqueiros. Mas essa fala de seu João deixa clara a tendência que existe de as pessoas preferirem um paranaense a um nordestino, sendo os primeiros vistos como mais decentes e pessoas boas, mesmo que ele diga não concordar com a opinião corrente.

Embora aqui se esteja analisando apenas “um lado da moeda”, que seria o que é “ser paranaense” no bairro, acredita-se que isso faz parte da composição do “ser paranaense”. Essa simples parte, se não é responsável, facilita a manutenção da identidade a que se refere dentro do processo migratório.

Muitos dos que se dizem paranaenses têm uma história de vida que os liga fortemente a um outro lugar do Brasil, como a Bahia ou Mato Grosso, mas fica o Paraná como lugar “de onde

veio” ou onde “foi criado”. Certamente essas representações positivas encontradas no bairro sobre o paranaense estimulam que isso seja feito.

Provavelmente isso não é suficiente para que a pessoa se diga paranaense, pois há mais coisas em jogo e essa é apenas uma parte de todo o processo, mas certamente estimula que assim aconteça. Representações parecidas apareceram na fala do carteiro do bairro, que lá trabalha todos os dias, embora não seja morador.

Ele dizia que os moradores do bairro mantêm muito contato com outros estados do nordeste e também com quase todos os outros, incluindo Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul. Mas fez questão de enfatizar que a grande maioria das cartas ia para presídios, contando isso como algo ruim, e em segredo.

Disse que, apesar de haver muitos paranaenses e mineiros no bairro, esses não enviam tantas cartas para presídio como os outros: com isso ele associou menos os paranaenses e mineiros com o crime. Disse também que os outros acabam muito envolvidos com o crime porque fazem amizade muito fácil e que assim são facilmente aliciados.

Não se gostaria de aprofundar a questão da violência agora, embora seja difícil não citá-la porque se relaciona com as representações que vêm sendo aqui apresentadas, reforçando-as. Ao dizer que os paranaenses não enviam tantas cartas para presídios tal como os de outros estados, estando incluído nisso os do nordeste, fica claro que ele associa mais os nordestinos ao crime.

Essa colocação, junto com as demais, vai construindo a visão que geralmente se tem do paranaense e também vai ficando claro como ela se constrói em oposição à visão que se tem dos nordestinos. Apesar de ele ter incluído os mineiros entre outros, é preferível deter-se no que é dito sobre os grupos enfocados.

Retornando à questão do trabalho, o mesmo carteiro relatou que os nordestinos são folgados e que gostam de dormir até tarde, e que são “mestres” em pegar cestas básicas e viver de programas sociais, às custas do governo. Dessa forma, mais uma vez nordestinos aparecem associados àqueles que não estão prontos para o trabalho e que preferem viver às custas dos projetos que o governo lhe oferece.

Mais um exemplo. Certo dia, pegando ônibus no Aracy junto com uma garota que ia para a escola no centro de São Carlos, foi-se conversando. Ela tinha dezessete anos, disse que sua mãe e avós são paranaenses, mas que ela se considera de São Carlos, pois foi onde nasceu, e que seus irmãos nasceram em Araraquara, cidade próxima.

Após contar sobre o que estava sendo estudado, durante a conversa ela disse que no Aracy as pessoas geralmente “pegam no pé dos baianos”. Disse que inclusive há no bairro uma rua, a Rua 24, é conhecida como “a rua dos baianinhos”, disse que “sempre falam baianinhos

para encher”. Depois me lembrei que uma vez fui a essa rua fazer uma visita com a assistente social e que esta comentou comigo que era uma rua em que moravam muitos baianos.

Esse dado também é indício de que os migrantes de mesma procedência tendem a ocupar ruas próximas no bairro. Ao ser perguntada se isso de “encher” era apenas com os baianos ou com nordestinos, a garota disse que achava que era com nordestinos em geral. Assim se reforçam as representações negativas sobre os nordestinos, estando os paranaenses isentos destas.

É natural pensar que, então, os paranaenses procurem se diferenciar dos nordestinos, não querendo se parecer com estes, que não são vistos como disciplinados para o trabalho, que acordam tarde etc. Acredita-se que, ao se diferenciarem, se apropriem de algumas representações negativas sobre os nordestinos e se valham daquelas que vão a seu favor.

Deve-se lembrar que essa observação se faz importante porque sobre eles também recaem associações pejorativas: é o caso do estigma que carregam por morarem no Aracy, por serem migrantes. Acredita-se que, até por partirem de uma posição desvalorizada, procurem se diferenciar.

Apesar disso, não se acredita que os paranaenses reconheçam claramente sua maior possibilidade de status e posição diferenciados no bairro. Embora eles ocupem muitas vezes posições valorizadas, não chegam a instrumentalizar tais representações de forma consciente e clara a seu favor; mas elas aparecem manifestas em suas opiniões e na relação que têm com o bairro e seus moradores.

Como foi visto, trata-se de um bairro altamente estigmatizado e constituído principalmente por migrantes. É tratado, na cidade, como constituído por uma massa homogênea de indivíduos que não se diferenciam quanto à renda, escolaridade ou ocupação. Não é preciso um contato muito intenso para perceber que essas diferenciações existem.

Analisou-se que, no Aracy, os são-carlenses, bem como os demais migrantes, representam o paranaense de forma diferente da que representam o nordestino. Os primeiros são vistos como mais trabalhadores e disciplinados para o trabalho, enquanto os segundos, pouco acostumados ao trabalho, acordam mais tarde, não tendo a mesma disciplina.

Acredita-se, enfim, que esses migrantes, vindos em busca de emprego e morando num bairro altamente estigmatizado, tendem a se afastar desse estigma da forma que é possível a cada um dos grupos. E nesse percurso paranaenses têm maior êxito, pois encontram uma série de representações a seu favor, as quais redundam na ocupação de melhores posições também no mercado de trabalho.

Parece que a construção e a manutenção de uma identidade “paranaense” se relaciona, então, com uma série de fatores que não dizem respeito apenas ao grupo que se autodenomina como tal, mas também ao significado que “ser paranaense” adquire no contexto e grupos sociais

com os quais esses migrantes estão envolvidos. No bairro percebeu-se a presença de representações associadas a uma posição social de status do paranaense.

Assim, a partir da observação e dos discursos de migrantes não “paranaenses” e de são-carlenses moradores do bairro, notou-se que o “paranaense” é associado ao que tem disciplina para o trabalho, pois são acostumados a acordar cedo e a trabalhar, são também os que estudaram mais, portanto preferidos para o trabalho nas indústrias.

Embora se tenha analisado apenas “um lado da moeda” - as representações sobre o “paranaense” no bairro -, isso também faz parte da composição do “ser paranaense”; isso é dizer que essa pequena parte pode não ser a responsável, mas facilita a manutenção de uma identidade dentro do processo migratório e contribui para que eles, migrantes, reforcem, ao longo de sua trajetória, uma identidade paranaense em contraposição especialmente a uma identidade nordestina.

### Referências bibliográficas

ARRUDA, M.A.N. Prismas da memória: emigração e desenraizamento. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 11, 2000. (p.?)

BORGES, J.R.P. *A exclusão social no processo de interiorização do desenvolvimento paulista: um estudo sobre as famílias ribeirinhas do Tietê, Piracicaba e Paranapanema*. 1997. Dissertação (Mestrado) - CECH, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1998.

DURHAM, E.R. A sociedade vista da periferia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 1, jun. 1986. (p.?)

GARCIA, M.F.; HEREDIA, B.A. Migração e estratégias familiares: o caso dos nordestinos no Rio de Janeiro. In: ABREU, A.R.P. (Org.). *Família e mercado de trabalho: confrontações Brasil-França*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1997, p. 75-84. (Estudos Ciências Sociais, 13).

JARDIM, M. Inclusão social é trabalho coletivo: resgate da dignidade e da auto-estima de moradores em um bairro popular da cidade de São Carlos – SP. Projeto apresentado ao II Prêmio da Mostra PUC – Rio, 2003.

LUCENA, C.T. Trajetória de migrantes: reconstrução de identidades e ‘invenção de tradições’. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 10, 1999. (p.?)

MANCUSO, M.I.; OLIVEIRA, E. *Condições de vida e pobreza em São Carlos: uma abordagem multidisciplinar*. São Carlos: Núcleo de Pesquisa e Documentação da Universidade Federal de São Carlos, 1994.

SILVA, M.A.M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: UNESP, 1999.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**Abstract:** This article analyses the construction and reinforcement of the identity of people from Paraná state. It focuses on the context and the set of social relationship these migrants face in “Cidade Aracy” district, located in São

Carlos, countryside of São Paulo state. In this district there are some social representations that favor the people from Paraná in contrast to migrants from northeast Brazil. These representations generate better positions, also in the job market, to people from Paraná. These people have a pathway through other states in Brazil, such as Bahia, Minas Gerais and São Paulo. But these social representations help the identity of people from Paraná to prevail.

**Keywords:** Migrants. Identity. Social representations.